



# SEXUALIDADE E HONRA NA PERSPECTIVA DE GÊNERO NAS REVISTAS FEMININAS E FEMINISTAS DA CIDADE DO RECIFE ENTRE OS ANOS (1900-1910)

Izabelle Lúcia de Oliveira Barbosa<sup>1</sup>  
M<sup>a</sup> Angélica Pedrosa de Lima Silva<sup>2</sup>  
Dr<sup>a</sup>. Alcileide Cabral do Nascimento<sup>3</sup>

## RESUMO

Nos labirintos da pesquisa histórica, a busca por respostas nos leva a curvas sinuosas, muitas vezes é preciso driblar as armadilhas no caminho. A tarefa de organizar os fatos sem os fazer perder a sua legitimidade, torná-los inteligíveis e respeitar os personagens de seu tempo é um desafio da pesquisa histórica. De modo que tais premissas nos impulsionam a analisar os discursos das revistas sobre e/ou das mulheres em relação à sexualidade, à família e à honra na perspectiva de gênero. Para tanto, utilizamos como fontes históricas as diversas revistas que circulavam na cidade do Recife, dentre elas a Revista Polyantho, a Revista Pernambucana, e a Revista Cri Cri, tendo como base o livro de Luiz do Nascimento: História da Imprensa de Pernambuco. A pesquisa contempla a Nova História Cultural como corrente teórica e a perspectiva da crítica feminista, entre elas Michelle Perrot, Céli Pinto, Joana Pedro e Rachel Soihet. Essas leituras são importantes porque possibilitam estabelecer uma relação entre a história das mulheres e dos movimentos de mulheres e feministas, procurando analisar seus discursos através das décadas, bem como compreender algumas maneiras encontradas pelas mulheres para falar e circular nos espaços públicos em um tempo em que estavam restritas ao espaço privado. As instituições de pesquisa foram a Biblioteca Pública (BP), a Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), dentre outras, onde realizamos levantamento das obras raras, periódicos e livros sobre família, moralidade, relações de gênero e História de Pernambuco. Pela análise documental das Revistas, percebe-se que as mesmas estão carregadas de um discurso moralizador, principalmente sobre o corpo das mulheres, colocando-os como um corpo social sujeito a toda e qualquer investigação e o aprisionando à figura do homem.

**Palavras – chaves:** Revistas Feministas, Revistas femininas; Direitos políticos.

## ABSTRACT

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História/PIBIC - DHIS - UFRPE. E-mail: izabellelucia@gmail.com;

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História - DHIS – UFRPE. E-mail: angellita@hotmail.com

<sup>3</sup>Profa. Dra/pesquisadora do Departamento de História - DHIS - UFRPE.



In the maze of historical research, the search for answers leads to hairpin bends, it is often necessary to circumvent the pitfalls on the road. The task of organizing the facts without making them lose their legitimacy, to make them understandable and respect characters of their time is a challenge of historical research. So that such assumptions have driven us to analyze the speeches of magazines and/or women in relation to sexuality, family and honor as a gender issue. We used historical sources as the various magazines that circulated in the city of Recife, among them Polyantho Magazine, Pernambucana Magazine and Cri Cri Magazine, based on the book by Luiz do Nascimento: History of the Press of Pernambuco. The research focuses on the new cultural history as a theoretical current and perspective of feminist criticism, including Michelle Perrot, Céli Pinto, Joan Peter and Rachel Soihet. These readings are important because they allow to establish a relationship between the history of women and women's and feminist movements, analyzing their discourse through the decades, as well as understand some ways found by women to speak and move in public spaces at a time when they were restricted to private space. Research institutions are the Public Library (BP), Joaquim Nabuco Foundation (FUNDAJ), among others, where we conducted survey of rare books, periodicals and books about family, morality, gender relations and History of Pernambuco. For the document analysis of journals, one sees that they are charged with a moralizing discourse, especially about women's bodies, placing them as a social body subject to any investigation and constraining it to the figure of the man.

**Keywords:** Feminist magazines, Women's magazines; Political Rights.

## INTRODUÇÃO

O Brasil do século XX é um país de nítidas e importantes transformações nas esferas social, cultural, economia e política. As rápidas mudanças nos tempos modernos, como o estímulo e crescimento da industrialização, a agitação cultural, o crescimento urbano das principais cidades, a entrada de imigrantes europeus advindos em parte devido à primeira guerra mundial, interferiu nos espaços de poder e ocasionou a entrada de mulheres nos espaços públicos de trabalho como aborda Rago:

Por caminhos sofisticados e sinuosos se forja uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva mas assexuada, no momento mesmo em que as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial que ocorrem nos principais centros do país solicitam sua presença no espaço público das ruas, das praças, dos



acontecimentos da vida social, nos teatros, cafés, e exigem sua participação ativa no mundo do trabalho<sup>4</sup>

Entretanto, tal presença nos espaços públicos não livrou a mulher das cobranças burguesas, quanto mais essa mulher se afasta do espaço privado mais a burguesia lança mão da moral para continuar a restringir a mulher a sua esfera dita natural “o lar”, carregando-a com o discurso de que uma mulher não poderia abandonar sua família, seus filhos, seu lar, culpabilizando-a por tais escolhas e ainda acenando-a contra o risco de que por qualquer deslize poderia cair na perdição, perder a sua honra e desonrar sua família, além de frisar dos perigos da prostituição.

Observa-se que a sociedade burguesa, moralista e detentora de poder, delibera e tenta organizar todos os espaços sociais, a mulher que ousa alcançar seu espaço no público se depara com a falta de perspectiva profissional, fato totalmente diferente para o homem em qualquer escala social. Para a mulher todos os julgamentos são efetuados para o seu *melhor* e em nome da sociedade republicana. Entretanto, alguns espaços de concessão fizeram com que trabalhadores/as se organizassem em sindicatos e associações, apesar de as mulheres encontrarem dentro do movimento operário a falta de apoio de alguns homens que as acusavam de estarem roubando seus espaços de trabalho e que as mesmas deveriam voltar a suas casas e cuidar dos lares. Muitas mulheres continuaram a lutar, indo de contra as pressões sociais e promoveram profundas mudanças no cotidiano e no ordenamento das cidades.

De modo que, enquanto as mulheres das classes populares eram introduzidas no mercado de trabalho, se submetendo, na maioria das vezes, às explorações nas fábricas, lojas, casas das famílias ricas e outros espaços de trabalho, as mulheres das elites, cada vez mais, eram estimuladas a estudar. Nas primeiras décadas do século XX encontramos muitas escolas destinadas à educação das mulheres, principalmente as Escolas Normais ou de magistério. Muitas mulheres, além de concluírem seus estudos nas Escolas Normais, também iam complementar seus estudos nas universidades fora do país, especialmente nos Estados Unidos e na França, onde tiveram contato com diversos movimentos sociais, especialmente os movimentos feministas. Mulheres que ao regressarem ao Brasil se deparavam com as contradições desses tempos modernos, tendo dificuldades para ocuparem seus espaços no mercado de trabalho e nos espaços de deliberação do poder.

---

<sup>4</sup> RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2<sup>o</sup>ed. 1985, 62p.



A década de 1920, principalmente, foi palco de diversos movimentos artístico-culturais, que contaram com a participação de mulheres da elite, como a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, que provocou enorme impacto na vida cultural da sociedade paulistana rompendo com os padrões estéticos, sociais e culturais da época. Mulheres como Patrícia Galvão (Pagu), Anita Malfatti e Tarsila do Amaral participaram ativamente do movimento com seus trabalhos, que além de terem uma estética inovadora, tinham um caráter político. No nordeste, especialmente na década de 1930, o movimento regionalista se mostrava numa posição crítica em relação às realidades e desigualdades sociais do país e da região. Porém, a participação feminina não ganhou tanta adesão. Muito pelo contrário, no Manifesto Regionalista Gilberto Freyre deixa claro qual o papel da mulher na moderna sociedade brasileira, criticando a decadência da tradição ele afirma:

As novas gerações de moças já não sabem, entre nós, a não ser entre a gente mais modesta, fazer um doce ou guisado tradicional e regional. Já não têm gosto nem tempo para ler os velhos livros de receitas de família. Quando a verdade é que, depois dos livros de missas, são os livros de receitas de doces e de guisados os que devem receber das mulheres leitura mais atenta. O senso de devoção e o de obrigação devem completar-se nas mulheres do Brasil, tornando-as boas cristãs, e, ao mesmo tempo, boas quituteiras, para assim criarem melhor os filhos e concorrerem para a felicidade nacional. Não há povo feliz quando às suas mulheres falta a arte culinária. É uma falta quase tão grave como a da fé religiosa.<sup>5</sup>

Os jornais, pasquins e panfletos têm uma importância muito grande neste período, apesar do alarmante índice de analfabetismo no país, sobretudo entre as mulheres, mas, como diz Celi Pinto a “mensagem escrita era a única forma de comunicação de massas”.<sup>6</sup> Uma imprensa feminista se constituiu já no século XIX e ganha expressão nas primeiras décadas do século XX.<sup>7</sup> Foram diversas as maneiras que o movimento de mulheres no Brasil encontraram para defender a sua causa. Em Pernambuco não foi diferente, já se ouvia ares da presença feminina na imprensa como aborda Maria Luiza Moraes:

As pioneiras da imprensa em Pernambuco são uma referência em habilidade e perseverança na conquista paciente e firme dos espaços. Elas vão chegando devagar. Poucas tiveram uma produção expressiva, mas, incontáveis as que se fizeram presentes. Uma carta, um soneto, uma crônica, um desabafo, uma

<sup>5</sup>Ver Gilberto Freyre. Manifesto Regionalista. Recife, 1926. Disponível em: <http://www.arq.ufsc.br/arq5625/modulo2modernidade/manifestos/manifestoregionalista.htm>

<sup>6</sup>PINTO, Celi Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2002.p.31.

<sup>7</sup>SIQUEIRA, Elizabeth Santos et al.**Um discurso feminino possível**. Pioneiras da imprensa em Pernambuco (1830-1910). Recife: Ed Universitária da UFPE, 1995.



palavra solidária marcaram a entrada das mulheres no jornalismo pernambucano<sup>8</sup>.

Observando tal enredo, o presente artigo, recorte da pesquisa: “Revistas femininas e feministas na cidade do Recife de 1900-1930, procura analisar os discursos das revistas sobre e/ou das mulheres em relação à sexualidade, à família e a honra na perspectiva de gênero. De modo que para alcançar tal objetivo tivemos que realizar primeiramente um levantamento, estudo e discussão da historiografia sobre o tema e sobre o período em foco para obter um maior conhecimento da temática, bem como um aprofundamento teórico.

Adotamos como corrente teórica a Nova História Cultural na perspectiva da crítica feminista, assim mergulhamos nos estudos de *Roger Chartier*, por abrir espaço para a história das mulheres, assim como as de outros excluídos dos relatos históricos, dando-nos uma visão diferente da história, em que outros relatos são permitidos. Para tanto, destacamos a obra: *A História Cultural: entre práticas e representações* e o artigo: *Diferença entre sexos e Dominação Simbólica*. Buscamos no entendimento de *Michel Foucault* em *História da Sexualidade I*, uma análise sobre: o poder e a sexualidade, a fim de compreender como os desejos das mulheres foram e são reprimidos. Para vislumbrar sobre o espaço cronológico da pesquisa foi fundamental a leitura de *José Murilo de Carvalho* e seu estudo sobre a República, o mesmo fornece alicerces sobre a simbologia que o período ostentava sobre a mulher, e observa como se deu a presença feminina durante esse período republicano, no livro: *A formação das almas: O imaginário da república no Brasil*. Sobre as características do Recife com suas influências sofridas e exercidas, destacamos o trabalho de *Raimundo Arrais Recife*, *culturas e confrontos: as camadas urbanas na campanha salvacionista de 1911*, e o estudo de *Antonio Paulo Resende* com: *O Recife: Histórias de uma cidade*.

Para além desses contornos é imprescindível o entendimento sobre a História das Mulheres, com *Margareth Rago*, *Céli Pinto* e *Joana Pedro*, etc. Assim como o destaque para os estudos de gênero, adotando as leituras de *Joan Scott* e *Tomas Laqueur*, de grande importância por proporcionar o entendimento sobre a relação social entre homens e mulheres. Esses estudos se inserem na perspectiva da crítica feminista. Utilizamos como fontes históricas as diversas revistas que circularam na cidade do Recife tendo como referência o

---

<sup>8</sup>MORAIS. Maria Luíza Nóbrega. **Presença feminina no jornalismo pernambucano: Dos primórdios a regulamentação profissional.** Disponível em: <  
<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0156-1.pdf> > Acessado em: 27 ago. 2009, 03p.



Dicionário de Pseudônimos de Jornalistas Pernambucanos de *Luiz do Nascimento* e a História da Imprensa de Pernambuco - volumes VII e VIII - do mesmo autor. Em que é realizado a identificação das revistas e jornais que circulavam na cidade do Recife, oferecendo detalhes dos documentos, assim como um breve resumo de seus conteúdos.

A pesquisa documental é realizada no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE), Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) que guarda uma rica coleção de jornais e fontes iconográfica, na Biblioteca Setorial da Pós-Graduação em História (CFCH/UFPE) buscamos por monografias, dissertações e teses que estiverem relacionados às questões estudadas. Na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco (BPE) realizamos levantamento das obras raras, periódicos e livros sobre família, moralidade, relações de gênero e História de Pernambuco. Em seguida, realizamos a seleção e digitalização dos documentos pertinentes.

Para compreendermos os caminhos reveladores de uma história silenciada das mulheres, mergulhamos nos registros das revistas que circularam na cidade do Recife entre os anos de 1900-1910. A fim de observar essa escrita e promover um melhor diálogo entre a diversidade de discursos a serem abordados. Ao tocarmos nesse ponto se faz necessário historicizar a História das mulheres. Observa-se que no começo os estudos sobre “a mulher” discorriam muito com foco na exclusão da mesma dentro dos relatos históricos, devido às dificuldades em se falar da mulher em uma história relatada por homens. Na contemporaneidade, porém, confere não somente o estudo da exclusão, mas também pela legitimidade de toda a luta das “mulheres”, que ainda hoje continuam a enfrentar os paradigmas sociais. A dificuldade de se abrir espaço no campo da História para as mulheres foi devido ao pensamento positivista, herdado pelos iluministas que restringia os relatos a grandes homens e seus feitos. Entretanto, com Marc Bloch e Lucien Febvre a História começa a tomar novos rumos, através da Escola do Annales, vinda com a proposta da interdisciplinaridade e dentre outros pontos propôs a ampliação das fontes do/da historiador/a. Ressalta-se também o papel da História Social Marxista que abriu espaço para os oprimidos “operários, camponeses, escravos”, as pessoas comuns. Mas, é com a vinda da História das Mentalidades, História Cultural e principalmente da Nova História Cultural com Roger



Chartier, que a busca pelo estudo do feminino ganha espaço e força. O que acaba por culminar no surgimento de um estudo não mais sobre mulher, mas sim sobre as Mulheres<sup>9</sup>.

O debate sobre gênero é inserido nos estudos sobre a História das Mulheres por se propor a explicar os comportamentos, as relações sociais entre “homens/mulheres, homens/homens e mulheres/mulheres”<sup>10</sup>, caracterizando que essas relações pesam de forma excludente sobre as mulheres. Percebe-se, então, que gênero é uma construção social e que o mesmo pode variar nas diversas sociedades, também se entende que a relação estabelecida entre a diferença sexual e a representação de gênero gira em torno das relações de poder e das relações de gênero.

Mas, como a sociedade recifense da primeira metade do século XX marcada por tais diferenças começa a inserir em seus espaços públicos o debate sobre a mulher? Ressaltando-se que durante os séculos passados e ainda em meados do século XX a relação da mulher com a escrita se dava pela freqüente utilização de pseudônimos que dissimulavam a identidade verdadeira da autora, sendo ainda a escrita direcionada a um público restrito, próximo e cúmplice. Foram esses traços singulares da escrita feminina, contida e dominada, privada de propriedade que acabou por privilegiar uma escrita masculina<sup>11</sup>, marcada pela tentativa constante de legitimação da mulher em espaços privados e na prisão de seus corpos.

### 1. SEXUALIDADE E HONRA NA PERSPECTIVA DE GÊNERO

O século XX e seus avanços levaram a sociedade para uma nova mentalidade voltada para o debate acerca da Honra, da Família e do Progresso da nação, consideradas estruturas fundamentais para a manutenção da ordem republicana recém instaurada. Como bem coloca Sueann Caulfield:

A honra sexual era a base da família, e esta, a base da nação. Sem a força moralizadora da honestidade sexual das mulheres, a modernização – termo que assumia diferentes significados para diferentes pessoas – causaria a dissolução da família, um aumento brutal da criminalidade e o caos social (CAULFIELD, 2000: 26).

<sup>9</sup> Ver em SOHIET, Raquel e Pedro, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira de História**: História e Gênero, ANPUH. São Paulo, vol. 27, n°54, 2007. P. 285.

<sup>10</sup> Ver em CAMURÇA, Silva e GOUVEIA, Taciana. **O que é Gênero**. Recife: SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, 2004. P. 11-14.

<sup>11</sup> Vem em: CHARTIER, Roger. **Diferença entre sexos e Dominação Simbólica**. Cadernos Pagu (4) 1995: pp.37-47.



Tal período foi marcado também pela abertura do discurso sobre a sexualidade, como observa Foucault: “... É o momento em que os mecanismos de repressão teriam começado a afrouxar; passar-se-ia das interdições sexuais imperiosas a uma relativa tolerância a propósito das relações pré-nupciais ou extra-matrimoniais” (FOUCAULT, 1988:109).

A Revista Pernambucana<sup>12</sup> apresenta uma discussão acerca do tema, na matéria intitulada **O Jogo**, colocando que:

Se há vício que mais prejudique e corrompa a sociedade, nenhum leva a primazia ao terrível monstro que se denomina o jogo. É ele que coloca na miséria enumeras famílias, que leva muitas vezes a *deshonra* ao lar domestico e *Prostitui* muita alma jovem que no futuro poderia ser aproveitada... Já não bastava o pernicioso Jogo das loterias que atira na *vadiagem* mulheres e crianças, corrompendo assim a *moral* (Revista Pernambucana, 1902, n°02, p.17)

Segundo Raquel Soihet, “a honra da mulher está vinculada a defesa da virgindade ou na fidelidade conjugal, sendo um conceito sexualmente localizado, da qual o homem é legitimador, já que esta é dada pela sua ausência através da virgindade ou pela presença legítima com o casamento”<sup>13</sup>. Na mesma revista ainda debate-se sobre isso descrevendo que, nas ruas os bordéis, sendo frequentadíssimo os relatórios de contratos de *casamentos violados* e de *donzelas estupradas*, essas infinitas variedades contaminam de tal forma a sociedade atual, que muitos são levados a crer que *a honradez* e a proibidade nada mais são que ideais de sonhadores... Aborda ainda que se tomam medidas em prol do fechamento dos prostíbulos e extinção dos antro de vícios e do crime, mas logo se percebe que as instituições responsáveis pelo regulamento estão ligadas ao mesmo<sup>14</sup>.

Observa-se que a abertura em falar do assunto se deve a tentativa de expor um tema à sociedade, já de alcance extenso, utilizando palavras mais nítidas, como *estupro* ou *casamentos violados*. Tal levantamento é feito para se firmar as hierarquias sociais, assim

<sup>12</sup> Teve publicação quinzenal, seu recorte temporal fica entre os anos 1902-1904. O primeiro exemplar é publicado no dia 15 de novembro de 1902, seu formato é de 32x22, com doze páginas, inclusive a capa, está em papel de cor, bem trabalhada em vinhetas, nela figurando, além do título, os nomes dos redatores, como: Theotonio Freire, Clovis Bevilaqua, Dr. Carlos Porto Carreiro, Artur Orlando, Augusto de Oliveira, Heliodoro Balbi, Ernesto de Paula Santos, Artur Bahia, Eugenio de Sá Pereira (também usou o pseudônimo Paulo Mateus), Domicio Rangel, Caitano de Andrade, Manoel Duarte, Mendes Martins, Julio Barjona, Bruno Barbosa, José G. de Matos e Silva, Luiz Tavares de Lira<sup>12</sup> e a única figura feminina, *Edwiges de Sá Pereira*. A Revista é carregada de sentimento em prol do desenvolvimento do Brasil e inclusive de Pernambuco, na busca da civilidade como as grandes nações. Divulgava na realidade, a melhor literatura da época, em prosa e verso, falava dentre outros assuntos sobre o comércio, agricultura e política.

<sup>13</sup> SOIHET, Raquel. Condição feminina e formas de violência: Mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920). Rio de Janeiro, editora Forense Universitária. 1989. P. 303.

<sup>14</sup> Revista Pernambucana, 1902, n°04. P. 46.



como as relações desiguais de gênero que estabelecem diferenças em relação à sexualidade entre homem e mulher, principalmente com o peso da honra sobre a mulher. Para Joan Scott, “Gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”<sup>15</sup>. Assim, entende-se que para Scott há distinção entre sexo e gênero, o primeiro funciona como algo físico, ou seja, as diferenças corporais ou diferenças sexuais. Ao passo que a sociedade construiu o pensamento de que os homens são superiores fisicamente, mais fortes e inteligentes que as mulheres e como tal devem ocupar-se dos trabalhos públicos, de maior responsabilidade. Já para as mulheres, cabe o espaço privado, dos afazeres domésticos “o lar”, a maternidade, o espírito caridoso, bondoso e demais adjetivos puritanos. Essas diferenças sexuais projetadas a partir de um conceito físico são apoderadas pela sociedade gerando representações de gênero como as características específicas da feminilidade e masculinidade, a fim de controlar e hierarquizar as relações sociais.

Diferentemente de Scott, Thomas Laqueur defende que o gênero desde os gregos precedeu o sexo. Que em alguma parte do século XVIII, o sexo fora inventado. Desde então havia somente um sexo, assim aborda que:

A natureza específica dos ovários ou do útero era, portanto, apenas incidental para definir a diferença sexual. No século XVIII as coisas mudaram. O ventre, que era a uma espécie de falo negativo, passou a ser útero – um órgão cujas fibras, nervos e vascularização ofereciam uma explicação e uma justificativa naturalista para a condição social da mulher.<sup>16</sup>

A partir dos avanços científicos gerados para a identificação desses corpos, descobre-se que há dois sexos, que o útero não conferia o falo invertido. Tal descoberta não fora somente em nome da ciência havia um interesse político burguês de naturalização dos corpos, principalmente da mulher, saiu-se do debate de gênero para buscar a legitimidade na diferenciação entre os sexos. Assim percebe-se em *Laqueur* uma trajetória para além da compreensão de Gênero defendida por *Scott*, o primeiro desconstrói a historicidade que se construiu sobre o sexo, defendendo que desde os primórdios acreditava-se na existência de somente um sexo e de dois gêneros e que a construção atual de dois sexos é uma criação político-social de controle. O fator biológico do sexo como algo que proporciona a diferenciação entre homens e mulheres para *Laqueur* sai de evidência, deixando espaço para afirmativa de que o gênero constitui o sexo.

<sup>15</sup> SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1991. P. 14.

<sup>16</sup> LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**. Corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 2001. P. 191-192



### 2. O PAPEL DO MATRIMONIO NA FORMAÇÃO FAMILIAR

As revistas abrem possibilidades para compreender o casamento, será que ele realmente funcionava como uma união no amor, ou apenas uma institucionalização da classe média e/ou alta para manutenção de posições sociais e/ou ascensão? Como forma de normalizar as relações e controlar a sexualidade feminina, o estado juntamente com a igreja criou mecanismos de comportamento e legitimaram as relações, neste caso o matrimônio<sup>17</sup>. A formação familiar era grande preocupação do estado, pois a família constitui a base da República, e a mulher o símbolo essencial para o desenvolvimento da nação. Os ideais republicanos interferiam na formação desse espaço cotidiano e vão deliberar as relações sociais. Sendo tal relação regida sobre as mulheres, que ao preferirem permanecer solteiras recebem títulos pejorativos, como *solteirona*<sup>18</sup>.

As Revistas Creram Cri tenta satirizar o tipo de controle exercido sobre a com o pequeno diálogo intitulado: **Foi bem castigada**

- Mamãe está sempre ralhando comigo e ameaçando-me, mas... Diga-me, a Senhora nunca namorou?
- Namorei minha filha, mas única vez.
- E foi castigada por isso?
- Fui e muito severamente; casaram-me com teu pai. (Cri Cri, 1908, n° 02)

Tal história nos faz refletir sobre como os relacionamentos afetivos das mulheres eram controlados, de modo que qualquer intimidade com o sexo oposto a sujeitava ao casamento. Era o medo da desonra familiar. Mesmo que não fosse de sua vontade, à mulher não cabia escolha, se ela estava em tal situação era porque de algum modo “permitiu”. Pela posição do redator, o casamento é encarado como algo punitivo ao considerar que a mesma foi bem castiga, ou seja, foi merecido, por que ela *errou* em ter tido esse namoro escondido. A discussão sobre a liberdade de relacionamento da mulher serve de lição para as filhas e para as leitoras da revista, que não cometam esse erro ou serão *castigadas* de modo igual. O ideal é que se espere o momento certo para alcançar o amor, e assim case-se com ele, se a família

<sup>17</sup> Ver em: CORTEZ, Ana Flavia Leite. **O discurso da revista Crescer na normatização da sexualidade feminina na gravidez**. Recife, 2010. 128 folhas. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Psicologia, 2010. P. 43-44.

<sup>18</sup> SOUSA, Bernardina Santos Araújo de. **Os manuais de conduta e a escrita feminina do início do século XX: O que desvelam as narrativas?** Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT23-4967--Int.pdf>. Acessado dia: 12/08 às 23:50.



aprovar. “Coloca-se ainda em **Gramática das Mulheres** a seguinte frase: O namoro é um advérbio do tempo com um complemento terminativo – o casamento” (Cri Cri, nº 16, 1908: p. 11).

A Revista Pernambucana é mais enfática na discussão, ao abordar a matéria **Eros no Casamento**:

Não há muito tempo escrevíamos que hoje o amor no casamento, note-se bem, o amor no casamento, e não o amor em geral, o pivô de quase todas as obras de imaginação – não é mais simples motivo que os romancistas façam – estilo, os moralistas – prejudica, os filósofos – teoria; é objeto de ciência, sujeitos aos mais rigorosos processos de observação e indução [...] Então será o caso de indagar se o casamento não é senão amor legalizado, ou pelo contrário, aquela flor, feita de febre e fantasia, destinada a ornar o casamento. Por outras palavras: O amor deve ser considerado a base do casamento ou simplesmente função estética? [...] Arthur Orlando. (Revista Pernambucana, Nº03, 1902, p.24-26)

O autor de tal matéria não responde tamanha indagação. Observa-se que haviam casamentos realizados não por amor e sim por manutenção e/ou ascensão social. A escolha do/da pretendente ao casamento ia além do sentimento, as famílias e a nação estavam envolvidas nesse processo. Afinal, a posição social das famílias estava ligada a estrutura do país e não poderia haver enganos, pois isso poderia prejudicar o progresso da sociedade republicana. Assim, a contenção dos corpos das mulheres se fazia uma justificativa coerente para a manutenção da ordem republicana e alinhando a isso o discurso médico legista, se tornava uma lei quase que infalível se não fosse às individualidades femininas que se tornavam cada vez mais aguçadas e se uniram no movimento feminista.

Após o caminhar dentro desse cenário, podemos perceber que as Revistas Femininas constituíram um meio privilegiado da discussão sobre o papel da mulher na sociedade republicana, debate que já vinha sendo desenvolvido em outras instâncias sociais. A expressão “Revista Feminina” tem por base o gênero de suas consumidoras, e não de quem a produz. Podendo estar seu sentido expresso na apresentação do primeiro exemplar, título, ou em temas que remetem a discussão sobre o universo de *interesse*<sup>19</sup> das mulheres. Já as

---

<sup>19</sup> Esse interesse aqui é entendido como um processo existente devido à Dominação Simbólica, as mulheres são educadas a ter certos interesses, elas não nasceram gostando daquelas roupas e se comportando daquele modo. Houve uma construção referente aos modos e comportamentos, e a imprensa ratifica tal costume. De modo que, ao tentar driblar tais regras, a mulher acaba por em algum momento repercutir pensamentos a ela doutrinados.



“Revistas Feministas” referem-se aos periódicos femininos editados por Mulheres, dos quais buscam questionar o papel da mulher e defender suas causas<sup>20</sup>. A observação de tais questões são pertinentes para identificarmos os tipos de Revistas que circularam no Recife, para tanto partimos agora para os vestígios que as mesmas deixaram. Sobre a identificação das revistas, em femininas ou feministas, consideramos a revista Cri Cri uma Revista Feminina, já a Revista Pernambucana e revista Polyantho revistas feministas. Nessa última não foi identificado o debate a certa da sexualidade e da honra da mulher, a revista se direciona acerca dos assuntos: emancipação, direitos políticos e instrução da mulher.

Pode-se perceber que o período Republicano apresentou uma nova simbologia sobre a imagem da mulher, passando a dá mais evidência, no caso do Brasil e especificamente em Recife, as características mais singelas, como o verificado na revista Cri Cri. Tal discurso alinhado ao pensamento higienista que vinha desde o século XIX sendo construído, ganha no século XX bastante espaço e definitivamente assenta suas regras e lança a sua mão reguladora, principalmente sobre o corpo da mulher e relações familiares. Ambos os pensamentos em prol do desenvolvimento e do progresso dessa recente Republica instaurada.

É por perceber tais ideais que a revista a Cri Cri em seu posicionamento mais rigoroso com os pudores da sociedade, fala em suas sátiras das transgressões no casamento, ressalta os perfis masculinos e femininos, sempre no dualismo entre o certo e o errado. Tentando regrad os costumes e pensamentos, mais especificadamente das mulheres. Quanto à Revista Pernambucana, nota-se mais um discurso politizador, discute-se sobre assuntos políticos, econômicos, sociais e literários, nada de moda e estilos europeus. Já a Polyantho trás os literatos/as da sociedade recifense, despoja-se de um pensamento mais aberto, inclui em suas matérias mulheres, entretanto não as inseriu dentro do corpo redacional, diferentemente da Revista Pernambucana que insere a líder feminista Edwiges de Sá Pereira, mas não a concede abertura para a escrita, a não ser literária. Destaca-se que o público alvo dessas Revistas é a classe média, e a elite recifense. De modo que não se toca nas questões dos problemas enfrentados pelas mulheres da classe pobre. Os debates provocam-se acerca dos costumes, pudores, medos da prostituição, da desonra, instrução e do direito político para as mulheres.

---

Ver em CHARTIER, Roger. **Diferença entre sexos e Dominação Simbólica**. Cadernos Pagu (4) 1995: pp.37-47.

<sup>20</sup> Idem.



As divergências são marcadas principalmente em apoiar ou não a emancipação feminina e a preocupação com o discurso modista e com os costumes regrados.

### REFERÊNCIAS

#### Fontes Documentais

Revista **Cri Cri**. Recife, 1908. Disponível na Biblioteca Pública do Estado – PE. Acessado em Janeiro de 2010.

Revista **Pernambucana**. Recife, 1902-1904. Disponível na Fundação Joaquim Nabuco – PE. Acessado em Novembro de 2009

Revista **Polyantho**. Recife, 1907. Disponível na Fundação Joaquim Nabuco – PE. Acessado em Novembro de 2009.

#### Bibliografia

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. **O Periquito**: uma revista licenciosa no Recife da entrada do século XX. In. Revista do Arquivo Público, p.17, 1997.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000

CHARTIER, Roger. **Diferença entre sexos e Dominação Simbólica**. Cadernos Pagu (4) 1995: pp.37-47.

CAMURÇA, Silva e GOUVEIA, Taciana. **O que é Gênero**. Recife: SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, 2004.

MEDEIROS, Hugo Augusto Vasconcelos. **Mulheres e o reino das letras: imprensa e gênero no Recife dos anos 1930**. Mestrando em História pela Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

MORAIS, Maria Luíza Nóbrega. **Presença feminina no jornalismo pernambucano: Dos primórdios a regulamentação profissional**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0156-1.pdf>> Acessado em: 27 agos. 2009.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. Departamento de História – Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1991.

SOIHET, Raquel e PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das relações de gênero. In: Revista Brasileira e História. **História e Gênero**, ANPUH, vol. 27, nº54, 2007



SOUSA, Bernardina Santos Araújo de. **Os manuais de conduta e a escrita feminina no início do século XX: o que desvelam as narrativas?** Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT23-4967--Int.pdf>. Acessado dia: 12/08 às 23:50.

### Dissertação:

BARROS, Natália Conceição Silva. **As mulheres na escrita dos homens: representações de corpo e gênero na imprensa do Recife anos vinte.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2007

CORTEZ, Ana Flavia Leite. **O discurso da revista Crescer na normatização da sexualidade feminina na gravidez.** Recife, 2010. 128 folhas. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Psicologia, 2010.

### Livros:

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. **Recife, culturas e confrontos: as camadas urbanas na campanha salvacionista de 1911.** Natal, EDUFRN: 1998.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: O imaginário da república no Brasil.** São Paulo: Ed. Companhia das letras, 1990.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves (ORG). **Suaves Amazonas: Mulheres e Abolição da Escravatura no Nordeste.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: a vontade do saber.** Rio de Janeiro: Graal, 9ªed. 1988.

FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista.** Recife, 1926. Disponível em: <http://www.arq.ufsc.br/arq5625/modulo2modernidade/manifestos/manifestoregionalista.htm>

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud.** Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 2001.

NASCIMENTO, L. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954).** VII. Periódicos do Recife (1901 - 1915) e VIII (1916 - 1930). Recife: Universitária, 1975.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres,** São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. **As mulheres ou os silêncios da história.** São Paulo: EDUSC, 2005

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo do Brasil.** São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2003

PRIORE, Del Mary. **História das mulheres no Brasil,** São Paulo: Contexto, 1997.



## IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade  
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2<sup>o</sup>ed. 1985.

RESENDE, Antonio Paulo. **O Recife: Histórias de uma cidade**, Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2005.

SIQUEIRA, Elizabeth Angélica Santos. **Um discurso feminino possível: pioneiras da imprensa em Pernambuco (1830-1910)**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1995.

SOIHET, Raquel. **Condição feminina e formas de violência: Mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920)**. Rio de Janeiro: editora Forense Universitária, 1989.